

MILITANTE E DONA DE CASA: REPRESENTAÇÕES SOBRE AS MULHERES EMANCIPADAS NO PÓS- INDEPENDÊNCIA EM MOÇAMBIQUE

Cristiane Soares de Santana¹

Doutoranda em História Social pela Universidade Federal da Bahia.
Bolsista CAPES

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as representações sobre as mulheres no discurso da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) tomando como base o jornal *A Voz da Revolução*, os textos de Samora Machel e as publicações de circulação interna do Partido. Através da perspectiva da História das Mulheres e, baseando-nos nas propostas de Roger Chartier, temos como objetivo analisar as representações sociais relacionadas à criação de ideais de mulher emancipada, avaliando os limites dessa proposta lançada pela FRELIMO.

MILITANT AND HOUSEWIFE: REPRESENTATIONS ABOUT THE EMANCIPATED WOMEN OF POST-INDEPENDENCE IN MOZAMBIQUE

Abstract: This article aims to analyze the representations of women in the discourse of FRELIMO building on the news paper *Voice of the Revolution*, the texts of Samora Machel and publications for internal circulation Party. Through the perspective of the History of the Women and, base-in the ones in the proposals of Roger Chartier, we have as objective to analyze the related social representations to the creation of ideals of emancipated woman, evaluating the limits of this proposal launched by the FRELIMO.

Introdução

Scott(1990) afirma que gênero pode ser compreendido como um elemento que compõem as relações sociais que se baseiam na distinção existente entre os sexos. Além disso, o gênero é interpretado como uma forma primária das relações significantes de poder. De acordo com Scott, o gênero é algo mais abrangente que discute homens e mulheres em suas múltiplas conexões, hierarquias e relações de poder. Marcado pela dispersão, ele se faz presente em várias instâncias tais como as organizações sociais, os símbolos, as normas, as doutrinas e também nas representações.

¹ Email: cryhistoria@hotmail.com

Pretendemos propor um trabalho que não perca a perspectiva da História Social e seus métodos, mas que não esqueça a contribuição dos Estudos de Gênero e da História Cultural no campo de análise das relações de poder, dos discursos e das representações sociais.

Segundo Pinsk (2009), a História das Mulheres começou a obter maior expressão na década de 70 graças à influência dos debates feministas e das mudanças ocorridas na historiografia. Soihet (1998) afirma que foi justamente com o desenvolvimento de novos campos da História com a História das Mentalidades e a História Cultural que se reforçou a abordagem sobre o feminino. Segundo Tilly (1994):

A história das mulheres certamente contribuiu para identificar e expandir nossa compreensão sobre novos fatos do passado, para incrementar nossos conhecimentos históricos. Este processo é cumulativo e interativo: para estudar a vida das mulheres no passado, os(as) historiadores(as) se apóiam sobre as especialidades mais antigas, tais como a demografia histórica para estudar os dados do estado civil, as ocupações e as migrações; a história econômica para as transformações econômicas; a história social para os processos de transformação estrutural em grande escala, como a profissionalização, a burocratização e a urbanização; a história das idéias para os métodos de crítica dos textos; e a história política para os conceitos relativos ao poder. Uma nova especialidade histórica nasceu contendo por objeto as mulheres, tornando-as sujeitos da história. (TILLY, 1994, p.34)

Tilly(1994) ressalta que a História Social feita deve ser aquela que aponte os problemas, analise os dados e os explique, ou seja, seria uma História das Mulheres que tem a necessidade de empregar os métodos da História Social usando e ultrapassando criticamente o método descritivo e o conceito de gênero. De acordo com Pinsk (2009):

A proposta de dar mais atenção às relações de poder que perpassam os documentos e os dispositivos institucionais agrada a historiadores sociais, como Tilly, Varikas e Hall. As análises do discurso (no sentido mais restrito) que se valem de algumas ferramentas linguísticas também não encontram oposição, mas a substituição do método da História Social pelo da desconstrução, sim. (PINSK, 2009, p.177)

Ao discutir o que a História Social pode oferecer aos Estudos de Gênero, percebemos que a autora Pinsk (2009) não separa os dois campos de estudos como polós distintos, apontando no que eles se complementam.

Concordando com Pinsk (2009), buscamos apresentar uma breve história social analítica e de gênero, mostrando que o poder constroi o gênero e vice-versa. Tentaremos demonstrar que este é utilizado para representar outras relações de poder nos propondo a analisar as razões e condições históricas que deram margem à formação das desigualdades e hierarquias através da análise das representações sobre as mulheres nos discursos da FRELIMO, analisando os ideais de emancipação feminina defendida por esta organização no contexto do pós independência.

Para compreender as representações sobre a mulher, nos ancoramos em algumas perspectivas propostas por Roger Chartier. Este autor afirma que a História Cultural tem como intuito identificar a forma como em lugares e momentos distintos uma dada realidade é construída, pensada e lida (CHARTIER, 1990). Chartier focou suas análises na necessidade da compreensão das razões e dos interesses de determinados atores sociais em criarem uma determinada realidade a partir da sua visão de mundo. Logo, através das representações sociais, analisaremos o mundo social avaliando como ele é e como gostariam que ele fosse.

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como às lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p.17)

Compreendendo as representações como uma realidade construída pela subjetividade dos indivíduos, os quais emitem visões sobre o mundo social ao seu favor, pretendemos analisar as representações sobre as mulheres no discurso da FRELIMO. Isentos de neutralidade, esses discursos eram proferidos com o intuito de reforçar uma determinada imagem das mulheres moçambicanas que era propagada pela organização.

O discurso é entendido como práticas sociais que estão inseridas em um determinado contexto sócio-histórico. Para Albuquerque (2009),

Os discursos e os pronunciamentos continuavam sendo vistos a partir do estatuto de provas. Eles continuavam a não ser interrogados enquanto artefatos narrativos, quanto às regras de produção do próprio texto. (...)Eles eram e muitas vezes ainda são no máximo interrogados sobre em que medida refletem um contexto social, cultural e histórico, em que medida são decorrentes de posições de classe, de interesses econômicos, de posições ideológicas. Eles eram analisados (e também ainda o são muitas vezes) enquanto construções de versões sobre o passado, mas nunca interrogados por eles mesmos como construções narrativas. (ALBUQUERQUE,2009, p.234)

De um ponto de vista metodológico, ao analisarmos ‘textos escritos’, devemos entendê-los em três dimensões apontadas por Barros (2004): o intratexto, que visa analisar os aspectos internos do texto; o intertexto, que avalia a relação de um texto com os outros; e, por último, o contexto no qual se observa a relação do texto com o momento sócio-histórico em que ele foi produzido. Desse modo, ao utilizarmos o discurso textual como fonte para a construção deste artigo, levaremos em consideração que todo discurso é produzido em um determinado espaço sócio-político e por um autor individual e/ou coletivo. No nosso caso, nos referimos ao FRELIMO e ao próprio Samora Machel. Mas, além de estarem inseridos em um determinado contexto, que podemos chamar de lugares de produção, esses discursos estavam sendo produzidos para atingir um determinado grupo de receptores (leitores do jornal Voz da Revolução, por exemplo).

Representações sobre a mulher no discurso da FRELIMO

Moçambique é um país localizado na região Austral da África. Situa-se especificamente entre Tanzânia e África do Sul, fazendo fronteira ao oeste com Malauí, Zimbábue e Zâmbia e a leste, sua costa é banhada pelo Oceano Índico. De acordo com Homem e Correia (1977), este território é habitado por onze grupos “étnicos”, dos quais derivam trinta e uma línguas.

Após dez anos de guerra (1964-1974), Moçambique conseguiu se tornar independente do regime colonial português, dando início a uma nova fase da sua história política sobre a regência da Frente Nacional de Libertação de Moçambique (FRELIMO), a qual foi responsável pela liderança do movimento nacionalista e da luta armada.

Segundo Gomez (1999), a formação da FRELIMO, sem uma visão mais amplamente definida, é colocada como um resultado da fusão dos movimentos nacionalistas como a UNEDAMO (União Democrática Nacional de Moçambique), a MANU (*Mozambique African National Union*) e a UNAMI (União Africana de Moçambique Independente), os quais se formaram no início dos anos 60. Para o autor, a FRELIMO não pode ser definida como uma simples fusão desses movimentos citados anteriormente, já que se faz necessário pontuar que o movimento teve sua formação na fusão de grupos intelectualizados de meios sociais diferenciados

Em 25 de junho de 1962, em Dar-es-Salaam, membros dos três movimentos nacionalistas UNEDAMO (União Democrática Nacional de Moçambique), a MANU (*Mozambique African National Union*) e a UNAMI (União Africana de Moçambique Independente) se reuniram decidindo sua dissolução e união em torno de um único projeto intitulado Frente de Libertação Nacional de Moçambique.²

Com base na leitura dos programas da FRELIMO, adotados no I e no II Congresso em 1962 e 1968, respectivamente, podemos observar que a independência nacional aparecia somente como uma fase para se construir uma nova ordem social, política e econômica que transformasse as estruturas e as marcas deixadas pelo Estado colonial na sociedade. Para o desenvolvimento de tal propósito, o Estado passou a estar presente em todas as instâncias da vida nacional, visando o desenvolvimento dessa nova sociedade que viria a erguer a nação.

Segundo Casimiro (2004), a FRELIMO pode ser considerada um dos poucos movimentos de libertação nacional africanos que defendia que a emancipação das mulheres deveria se desenvolver concomitantemente com o fim do colonialismo em prol da construção de uma nova sociedade. No processo da luta armada na década de 1960, as mulheres começaram a ganhar espaço adquirindo um protagonismo que antes não possuíam.

Para intensificar o esforço em prol da libertação nacional, a FRELIMO criou condições para que o engajamento político das mulheres acontecesse. Essa proposta ficou assentada com a criação do Destacamento Feminino em 1966. De acordo com Casimiro (2004), o Destacamento não foi criado por iniciativa da direção da FRELIMO, conforme afirmam fontes oficiais, e sim por uma solicitação das próprias mulheres que perceberam

² FRELIMO. I Congresso da FRELIMO, setembro de 1963.

a necessidade de defender e mobilizar a população nas zonas liberadas ou ainda controladas pelos colonizadores.

Para a autora, no ano de 1965, no início da luta armada um grupo de mulheres procurou a direção do movimento afirmando que havia a necessidade de elas serem encaminhadas para o treinamento militar para garantir a defesa das suas famílias. Ficou sob a responsabilidade deste grupo a criação do Destacamento Feminino. Porém, a documentação oficial aponta que sua criação se deu em outubro de 1966 durante uma sessão do Comitê Central.

Em relação às razões pelas quais o Destacamento foi criado, o documento *A mulher é um elemento transformador da sociedade* ressalta que a necessidade de braços para a luta não foi a única razão para que a mão de obra feminina fosse utilizada. De modo que,

Podemos ainda citar, entre essas razões, a necessidade de mobilizar todo o enorme potencial humano que representam as mulheres moçambicanas. A emancipação da mulher, sua integração total na luta, representam um aumento considerável da capacidade de organização. Mas, seria errado ligar o combate pela emancipação da mulher moçambicana somente a uma questão de princípios estatutários ou a uma questão de aumento dos efetivos.³

Vista com ressalva, a participação feminina não tinha somente sua razão fundamentada na necessidade de membros para a luta, pois de acordo com uma publicação do Comitê Central sobre a História da FRELIMO⁴ o Destacamento Feminino foi uma:

(...) importante conquista das mulheres moçambicanas era oposta pelos reaccionários, os quais invocaram absurdas razões de moralismo para caluniar as mulheres que se engajavam na luta armada. Eles diziam, por exemplo, que as mulheres deviam ficar em casa e nas machambas a trabalhar para o marido ou para os pais. No fundo, eles pretendiam apenas continuar a explorar o trabalho das mulheres. [sic]⁵

³ COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. *A mulher é um elemento transformador da sociedade*. Coleção de Estudos e Orientações, 1980.

⁴ DEPARTAMENTO DE TRABALHO IDEOLÓGICO DA FRELIMO. *História da FRELIMO*. Coleção Conhecer, s/d.

⁵ DEPARTAMENTO DE TRABALHO IDEOLÓGICO DA FRELIMO. *História da Frelimo*. Coleção Conhecer, nº4.

Logo, percebe-se que influenciados pelas teorias marxistas, os militantes da Frelimo viam a inserção da mulher na luta como uma forma de dar fim a exploração do trabalho feminino.

Em um artigo publicado por Josina Machel, no periódico *Voz da Revolução*, em janeiro de 1970, a autora aponta que na reunião de criação do Destacamento Feminino foi decidida que a mulher deveria ter uma atuação na luta em todos os níveis. De acordo com Josina Machel⁶ (1970), isso se tratava apenas de uma experiência para que os companheiros percebessem até que ponto as mulheres poderiam contribuir no processo revolucionário, de que modo elas poderiam ser proativas e se conseguiriam desempenhar determinadas tarefas. Através dessa fala de Josina, percebemos que os homens não acreditavam na capacidade física feminina e por isso acreditavam que o caráter da sua participação deveria a princípio de caráter experimental. Apontando nesse caso uma possível discriminação de gênero.

A publicação intitulada *A mulher é um elemento transformador da sociedade*⁷ destacava mais um obstáculo à participação feminina na luta: o peso das tradições. Afinal, muitas delas segundo este documento oficial depois de um período de participação do Destacamento Feminino abandonavam suas fileiras para casar e ter filhos. A forma como é colocada a postura das mulheres deixa subentendida que muitas mulheres optavam a certa altura pela vida em família do que a militância. Isso pode ser explicado pela postura da FRELIMO em impedir que as mulheres que participassem do Destacamento Feminino não se casassem.

De acordo com Casimiro (2001), isso causou uma contradição interna e externa, pois as mulheres sentiam-se “igualadas” aos homens sem terem suas especificidades femininas respeitadas. Podemos supor que essa decisão de impedir o casamento de mulheres guerrilheiras era uma estratégia utilizada para pressionar as mulheres que estavam naquela posição que até aquele momento era exclusiva dos homens. Para Casimiro (2004),

*Combatendo, a mulher entrou num lugar sagrado,
reservado ao homem. O facto de viver em capôs de treino,
usar calças, formar mulheres mas também homens,
participar de combates, conviver com outras pessoas que*

⁶ Optamos por utilizar o primeiro nome da autora para diferenciá-la do Presidente da FRELIMO Samora Machel, o qual possui textos citados no decorrer do artigo.

⁷COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. *A mulher é um elemento transformador da sociedade*. Coleção de Estudos e Orientações, 1980.

não as do grupo de parentesco, provocou uma autêntica revolução em zonas camponesas e conservadoras, deste modo limitando o controle que os homens habitualmente exerciam sobre a função produtiva e reprodutiva das mulheres, e das alianças matrimoniais entre os diversos clãs. (CASIMIRO, 2001, p.129)

Desempenhando as mesmas funções que os homens notamos na documentação lida que o trabalho feminino na FRELIMO ficava concentrado tanto na esfera política quanto na militar. As mulheres atuavam juntamente com as milícias nas zonas liberadas, nos combates mais ativos lado a lado com os homens em emboscadas e em operações com minas e no Departamento de Segurança, alertando contra a infiltração do inimigo. (MACHEL, 1970) No campo político, o trabalho feminino acabou sendo desenvolvido na área da mobilização e educação política dos povos e dos guerrilheiros fossem eles homens e mulheres. De acordo com Josina Machel (1970)

Neste trabalho nos explicamos ao povo a necessidade de lutar, que tipo de luta estamos a travar, contra quem lutamos, quais as razões da nossa luta, os nossos objetivos, por que é que escolhemos a luta armada como o único caminho para a independência, quem, são os nossos inimigos e quem são os nossos verdadeiros amigos, etc. Nós explicamos o trabalho que estamos a fazer, os resultados que já alcançamos. (MACHEL, 1970, p.20)

Mas, as mulheres moçambicanas envolvidas nesse processo desempenhavam serviços que as afastavam da luta armada, afinal, de acordo com Josina Machel (1970), elas desenvolveram atividades no campo da assistência social tais como: levar apoio às famílias que tiverem seus entes queridos mortos na guerra, cuidar do orfanato da FRELIMO, cuidar dos doentes e trabalhar no Departamento de Educação no programa de instrução de adultos e nas escolas primárias para crianças.

Durante nossa marcha encontrámo-nos com mulheres e raparigas em campos militares, em centros administrativos, em hospitais, infantários, escolas e machambas do povo. Vimos como auxiliam generosamente os feridos, como dão seu afecto a crianças órfãs. Como não poupam esforços para abastecer o exército com alimentação.⁸

⁸ Dia da mulher moçambicana. In: A Voz da Revolução, n^o 21, janeiro-abril de 1974, p.9.

A partir da leitura do trecho citado anteriormente podemos perceber que a mulher possuía funções variadas dentro da FRELIMO. Auxiliando a nossa análise sobre a representação feminina, trazemos um discurso de Samora Machel no qual ele afirmava que existiam três tarefas específicas das militantes da FRELIMO. Estas seriam: formar a nova geração; ensinar aos alunos que, seguindo a linha política da FRELIMO, eles dominariam a ciência e seriam agentes transformadores da sociedade; e, por último, que as militantes transformassem as esposas de militantes em membros ativos do Partido, ou seja, autênticas mães da revolução. (MACHEL, 1973)

Analisando os discursos de Josina e Samora Machel, podemos notar como as mulheres moçambicanas emancipadas eram vistas pela FRELIMO. Afinal, as mulheres militantes não tinham que negar a sua suposta “natureza” de mãe que cuida, ama e educa mesmo durante o processo de libertação nacional do país. Em vários momentos do discurso de ambos notamos a visão estereotipada das mulheres com mães.

Tedeschi (2009) aponta que devemos estar atentos as representações do feminino, pois existem construções histórico-filosóficas que conferiram um caráter científico e natural aos papéis da mulher.

O autor elenca dois discursos fundamentais que nos auxiliam na compreensão das primeiras representações construídas do feminino: o discurso de matriz filosófica grega e o discurso da moral cristã do mundo medieval. Tedeschi (2009) afirma que, segundo o discurso de matriz grega, o olhar masculino via a mulher com um objeto que necessitava ser controlada pelo homem. Logo, seriam essas visões que fomentavam os ideais de inferioridade e fragilidade feminina. Outra vertente seria o discurso moral cristão. O autor diz que a Igreja Católica teria uma grande influência na representação social da mulher, o que auxiliou na construção de discursos voltados para a desigualdade de gêneros. Logo, por essa razão, é importante: “pensar e aprofundar a questão dos lugares e funções, que se constroem pelo casamento e reforçam o ideal de lar e maternidade – como papéis historicamente construídos e legitimados pela moral cristã” (TEDESCHI, 2008, p.101).

As representações sociais que podem ser individuais e coletivas constroem discursos, os quais desencadeiam um efeito prático na sociedade. Isso pode ser visto através do discurso de Samora o qual é marcado pela concepção tradicional sobre as mulheres como inferiores, frágeis, desempenhando os papéis de mães cuidadosas, afetuosas e amorosas no espaço privado. A ideia da “mulher” como mãe que cria e educa está assentada na construção da mulher baseada em seu aspecto biológico, o qual determina que toda mulher traz como característica nata a maternidade.

Lado a lado com esse discurso vemos emergir na documentação da FRELIMO uma mulher militante, o que acaba rompendo em partes com a concepção rígida e tradicionalista das figuras femininas confinadas ao espaço privado desenvolvendo tarefas voltadas somente para o lar e para a família.

Essa “mulher” militante trabalhava em todas as frentes chegando até mesmo a ocupar postos de comando dentro da FRELIMO como foi o caso de Josina Machel que recebeu o cargo de chefia do Departamento de Relações Exteriores e Assuntos Sociais. Mas, além de Josina, pudemos encontrar várias mulheres que foram citadas nas páginas do periódico *Voz da Revolução* como membros do Comitê Central da FRELIMO, como por exemplo, Deolinda Raul Guisiname.

Mas nos perguntamos se, mesmo ocupando altos postos no escalão do Partido, as mulheres eram tratadas sem discriminação pelos companheiros de organização. Através da publicação de novembro de 1978 no periódico *A Voz da Revolução*, intitulada *Comunicados da Secretaria do Comitê Central da FRELIMO*, foi divulgada a decisão da expulsão de Albertina Macamo, a qual ocupava o cargo de Secretária Nacional da Organização da Mulher Moçambicana e era membro da FRELIMO. Segundo a publicação:

Sendo membro do Secretariado Albertina Macamo devia dar o exemplo do engajamento no combate pela emancipação da mulher, pela conquista de um novo tipo de vida e idéias. Porém, em vez de ser o elemento que indica o caminho, ela amantizou-se com um elemento que exercia funções de Director no Ministério da Educação e da Cultura, Benedito Buzi. Ao ligar-se com um homem casado e com filhos, Albertina Macamo não só contribuía para destruir um lar como manifestava a recusa em abandonar o amantismo. Na velha sociedade a mulher aceitava e mesmo orgulhava-se de ser amante de um homem, desde que ele tivesse dinheiro ou uma posição social importante.)⁹

Através da leitura do texto notamos que atitude de Benedito Buzi é criticada, mas nada se fala sobre a pena que lhe foi conferida. De acordo com o documento,

Benedito Buzi manifestou a mesma concepção de desprezo pela mulher ao procurar abandonar a mulher com quem tinha 2 filhos e que o acompanhou durante o tempo de luta, aquela que suportara consigo sacrifícios, durante os

⁹ Comunicados do Secretariado do Comitê Central da FRELIMO. In: *A Voz da Revolução*, nº 63, novembro de 1978, pg.18.

*momentos mais difíceis. Procurou trocar de mulher como se se tratasse de uma mercadoria, buscando mover-se socialmente através da amantização com uma mulher que ele considerava mais “evoluída”.*¹⁰

Os comentários feitos a respeito dos envolvidos apontam para uma discriminação por gênero. Albertina é acusada de “amantizar-se” e “contribuir para a destruição de um lar” e foi considerada uma erva daninha, o que possivelmente justificou a sua expulsão do partido. Enquanto que, Benito tem seu comportamento teve o seu comportamento criticado, sendo acusado de abandonar a família e por se envolver através da “amantização” com uma mulher “evoluída”. Além disso, a crítica à mulher evoluída é um preconceito velado, de modo que esse termo pode designar uma visão negativa em relação ao comportamento de uma mulher que fugia do padrão esperado pela mulher moçambicana “emancipada”.

Com a sua proposta de construção de uma sociedade do tipo novo, a FRELIMO colocava em prática a análise do comportamento dos seus membros visando combater erros e desvios na luta contra a corrupção moral, sexual e material. Desse modo, encontramos em alguns números do periódico *A Voz da Revolução* uma sessão chamada *Resolução sobre casos disciplinares* nas quais ficavam explícitas as atitudes de seus membros.

Por meio da abordagem das representações da mulher nos discursos analisados, vimos emergir um comportamento ideal que era esperado pela mulher moçambicana emancipada, virtuosa, fraterna, amorosa, forte, decidida, que cuida, cria, educa e orienta estas seriam algumas características que marcavam o protótipo da mulher desejada por essa nova sociedade.

O sentido da emancipação da mulher moçambicana no pós- independência

A FRELIMO declarava que para a construção do socialismo era preciso emancipar a mulher. Qual o sentido atribuído à emancipação das mulheres pela Frelimo em pleno desenvolvimento dos movimentos feministas em várias partes do mundo? Diante das representações das mulheres apresentadas na sessão anterior supõe-se que o conceito de emancipação não se alinhava com a noção de feminino e mulher emancipada

¹⁰ Idem, p.18.

pregada por diversas correntes contemporâneas do feminismo. Afinal, o ideal de liberdade não era o mesmo.

Para que as mulheres moçambicanas emancipadas emergissem na sociedade esta deveria passar por uma série de transformações de ordem social, política e econômica dando fim às bases históricas erguidas pelo colonialismo. De modo que a República Popular de Moçambique era definida como:

(...) um Estado dos trabalhadores, onde organizados e dirigidos pelo Partido FRELIMO, os operários, os camponeses, os intelectuais revolucionários e outros trabalhadores, lutam para construir uma sociedade nova onde não exista a fome, a nudez, a ignorância, a doença, o obscurantismo, onde não exista opressão e a exploração do homem pelo homem.¹¹

A busca por uma nova sociedade livre dos resquícios tradicionais implicava em combater a velha sociedade colonial, dizimando-os para que o “homem novo” e a “mulher nova” emergissem. De acordo com Samora:

No decurso da nossa luta, na dura batalha que tivemos que travar contra os elementos reaccionários, compreendemos de uma maneira mais clara os nossos objectivos. Sentíamos particularmente que a luta pela criação de novas estruturas fracassaria sem a criação de uma nova mentalidade. Criar uma atitude de solidariedade entre os homens capaz de fazer desenvolver o trabalho colectivo, pressupõe a eliminação do individualismo. Desenvolver uma moral sã e revolucionária que promova a libertação da mulher, a criação de gerações com um sentido colectivo de responsabilidade, exige a destruição das idéias e gostos corruptos herdados. Para implantar as bases de uma economia próspera e avançada é necessário que a ciência vença a superstição. Unir todos os moçambicanos, para além das tradições e línguas diversas, requer que na nossa consciência morra a tribo para que nasça a Nação. (MACHEL, 1970, p.35)

Este discurso de Samora aponta caminhos para que entendamos que esse homem novo deveria estar livre da feitiçaria e das crenças que faziam parte de uma cultura obscurantista e anticientífica. De maneira que, o novo homem moçambicano tinha que

¹¹7 de abril: dia da mulher moçambicana. In: Voz da Revolução, nº 66, abril-maio de 1979, p.26

aprender novos conhecimentos marcados pela ciência e pelo progresso para a edificação da nação.

Casimiro (2004) diz que Moçambique, à semelhança de outros países africanos que tiveram seus países marcados por processos de independência, acabara sendo influenciado pela crença no moderno, no desenvolvimento e na inovação tecnológica. A inspiração teórica desse ideal está centrada nas teorias da modernização cuja base está assentada na ideia em que o desenvolvimento gira em torno de atitudes e valores. Para Nipassa:

As teorias de modernização, por seu turno, justificam as posições dos países desenvolvidos, por um lado, e subdesenvolvidos, por outro, com base na distinção entre o tradicional e o moderno. A ideia central da teoria é que o desenvolvimento gira em torno da questão de atitudes e valores. As sociedades tradicionais são regidas por indivíduos de pensamento tradicional, tipicamente aqueles que só olham para dentro, não preparados para inovar e influenciados pela magia e religião; enquanto que as sociedades modernas são regidas por indivíduos de pensamento moderno, que olham para fora, ávidos por experimentar coisas novas, influenciados pelo pensamento racional, e pela experiência prática. Esta teoria é em parte derivada das tentativas de Marx Weber de relacionar a ascensão do capitalismo (o epítome da sociedade moderna) com a Ética Protestante e mostrar como outros sistemas de crenças diferentes (como as religiões do oriente) inibiram o avanço da sociedade moderna. (NIPASSA, 2009, p.9)

Foi justamente essa relação dialética e dicotômica entre o novo e o velho, na tentativa de alterar os valores e a cultura tradicional baseada em crenças e costumes característicos, que a FRELIMO fazia críticas e combatia a prática do *lobolo*, os ritos de iniciação, a poligamia e os casamentos precoces ou forçados afirmando que estas perpetuavam os valores da velha sociedade. O combate da FRELIMO a tais práticas culturais estava embasado no ideário marxista de combate a exploração do homem pelo homem, apontando que a exploração feminina se dava graças à essência dessas práticas.

A FRELIMO interpretava a poligamia, o *lobolo*, os ritos de iniciação e os casamentos forçados e considerados precoces como mecanismos ideológicos e culturais de dominação e entraves à emancipação feminina. O *lobolo*, por exemplo, era a prática através da qual a família da noiva teria direito a um pagamento em cabeças de gado, dinheiro ou outro bem material.

*Certas práticas sociais que sobrevivem até os nossos dias e nalgumas partes do nosso país e da nossa sociedade como a prática do lobolo ou dote mostram claramente, apesar da evolução que sofreram, que se trata de uma forma de aquisição de mão-de-obra.*¹²

Já a poligamia era interpretada como uma prática exploratória de mão-de-obra, pois possuir muitas esposas era ter muitos trabalhadores gratuitos cujo trabalho era apropriado sem resistência pelo esposo. Samora afirmava que

Casar-se com muitas mulheres na sociedade de economia agrária torna-se um meio certo para acumular muitas riquezas. O marido assegura-se de uma mão-de-obra gratuita, que não reclama nem se revolta contra a exploração. Daí a importância da poligamia nas zonas rurais de economia agrária primitiva (...) a mulher oferece duas outras vantagens ao seu próprio: é uma fonte de prazer, e sobretudo é uma produtora de outros trabalhadores, uma produtora de novas fontes de riqueza (MACHEL, 1973, p.22)

Mesmo que de forma estereotipada, o Presidente Samora fazia crítica a forma como a mulher era tratada apontando novas visões sobre esta ao mostrar que a representação da mulher moçambicana era mais ampla. Já que, esta deixaria de ser uma mera procriadora, uma mercadoria, fonte de prazer, passando a ser uma mulher engajada politicamente. Porém, não deixava de ser mãe, mulher, trabalhadora e militante desempenhando múltiplos papéis dentro dessa nova sociedade moçambicana.

Os ritos de iniciação promoviam a formação através dos princípios ancestrais passados pelos mais velhos, os quais ensinavam valores, noções de comportamento, organização social, política e econômica. (Issacman e Sthefan, 1984). De acordo com o Comunicado Final da I Conferência da Mulher Moçambicana, os ritos de iniciação:

(...) variando na forma consoante as regiões, tem todos em comum o facto de visarem inculcar nas jovens um espírito de submissão em relação ao homem, e ensinar-lhes que o seu lugar na sociedade é de segundo plano. Na cerimônia da adolescência, designadamente, as raparigas são ditas que o seu papel a partir desse momento é de produzirem filhos e cuidarem do marido e da casa, sendo-lhes interdita qualquer outra tarefa. Estes ritos de iniciação cercados de uma aura de mistério e solenidade religiosa

¹²COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. A mulher é um elemento transformador da sociedade. Coleção de Estudos e Orientações, 1980, p.8.

*tem um efeito psicológico muito forte e determinam a aceitação cega por parte das jovens, dos ensinamentos que recebem, traumatizando-as para o resto de suas vidas.*¹³

Justamente por possuir essa aura misteriosa e passar os ensinamentos culturais da tribo para as mulheres que a FRELIMO combatia a prática desses ritos de iniciação através da prisão de chefes tribais, da remoção dos membros da tribo para aldeias comunais etc. A FRELIMO acreditava que o tribalismo, o regionalismo e o obscurantismo, ou seja, a ignorância, deveriam ser combatidos para que tivesse fim a opressão, a submissão e o sentimento de inferioridade e passividade que marcavam a personalidade feminina graças não somente a prática dos ritos, mas também do *lobolo*, da poligamia etc.

Diante disso, podemos notar que a FRELIMO deu espaço para que a emancipação feminina fosse iniciativa também da própria mulher que deveria superar esse espírito de submissão e inferioridade que a sociedade tradicional, colonialista e exploratória suposta e efetivamente havia impregnado nelas.

Em relação à necessidade emancipação da feminina e o fim da exploração sob a mesma, Samora Machel fez um discurso na I Conferência das Mulheres Moçambicanas, intitulado *A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia de continuidade, condição de seu triunfo*, afirmando que:

A Revolução tem por objetivo essencial a destruição do sistema de exploração, a construção duma nova sociedade libertadora das potencialidades do ser humano e que o reconcilia com o trabalho com a natureza. É dentro deste contexto que surge a questão da emancipação da mulher. De uma maneira geral, no seio da sociedade, ela aparece como o ser mais oprimido, mais humilhado, mais explorado. Ela é explorada até pelo explorado, batida pelo homem rasgado pela palmatória, humilhada pelo homem esmagado pela bota do patrão e do colono. (MACHEL, 1973, p.18)

O autor pontua que para dar fim ao sistema de exploração imposto pelo colonizador era preciso liquidar toda a exploração do “homem” pelo “homem” e por isso era preciso dar fim aos meios de exploração da “mulher”. De acordo com Isaacman e

¹³1ª Conferência da Mulher Moçambicana- Comunicado Final. *In*: A Voz da Revolução, nº 16, março de 1973, p. 5-7.

Stefhan (1984), durante o período colonial a opressão feminina cresceu não somente por trabalharem mais, como também porque a legislação colonial e a influência do cristianismo reforçavam as práticas e os discursos de inferiorização da mulher.

Moraes (2000) afirma que em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, a discussão sobre a mulher ganhou destaque no momento em que se percebeu que a instauração da propriedade privada deu margem à subordinação das mulheres aos homens. Segundo a autora, o marxismo avaliou a opressão feminina como um elemento específico e esse aspecto foi algo bastante debatido pelas feministas marxistas no contexto dos anos 60 e 70. Porém, apesar da influência do marxismo sob das construções feministas pode-se afirmar que ele não debateu por completo as vicissitudes da condição feminina, a qual deve ter seus elementos específicos isolados e interpretados em conjunto para que se possa compreender a relação dialética que existe entre os papéis e os lugares socialmente atribuídos as mulheres.

De acordo com Martins (1998), a teoria feminista contemporânea faz críticas ao marxismo, o qual ao propor análises globais da sociedade com base nas concepções de classe e exploração econômica. Estas acabariam englobando as noções androcêntricas ofuscando o estudo da dominação masculina e colocando as ideias de gênero e as identidades sexuais a margem.

Através de uma determinada apropriação do marxismo, Machel (1973) afirmava que o fundamento da dominação da mulher estava no sistema de organização da vida econômica, ou seja, seria a propriedade privada dos meios de produção que promoveria a exploração do homem pelo homem,

Sejamos claros neste ponto: a contradição antagônica não é entre homem e mulher, mas sim entre a mulher e a ordem social, entre todos os explorados, mulheres homens, e a ordem social. É esta situação da explorada que explica a sua ausência de todas as tarefas de concepção e decisão no seio da sociedade, que a exclui da elaboração das concepções que organizam a vida econômica, social, cultural e política, mesmo quando os seus interesses estão diretamente afetados. É este aspecto principal da contradição: a sua exclusão da esfera de decisão da sociedade. Esta contradição só pode ser resolvida pela Revolução por que só a Revolução constrói os alicerces da sociedade exploradora e reconstrói a sociedade em bases novas, que libertam a iniciativa da mulher, a integram como ser responsável na sociedade e associam a elaboração das decisões. (MACHEL, 1973, p.25)

Vimos no discurso de Samora uma minimização da contradição entre homens e mulheres, o que acabava anulando a crítica à dominação masculina, a discriminação fundadas historicamente aspectos relacionados às assimetrias e hierarquias de gênero.

Por que existia essa preocupação em emancipar as mulheres? No seu discurso de abertura a I Conferência da Mulher Moçambicana, Samora Machel dizia que existiam membros na organização que acreditavam que a emancipação das mulheres era uma tarefa secundária, de modo que a escassez de escolas (poucas mulheres eram instruídas e muitas ainda estavam apegadas à tradição) fazia com que fosse necessário aguardar a independência para que se criasse uma base econômica, social e educacional sólida. Outros já acreditavam que a emancipação feminina poderia causar estremecimento entre a FRELIMO e as massas populares, fazendo com que a organização perdesse seu apoio. Logo, era preciso respeitar as tradições locais naquele momento.

Diante disso, a FRELIMO levou a diante seu ideal de realizar a revolução mobilizando e emancipando as mulheres. Desse modo,

Considerando ainda a necessidade fundamental da Revolução ser prosseguida pelas novas gerações, como poderemos assegurar a formação revolucionária das gerações de continuadores, se a mãe, primeira educadora, se encontra a margem do processo revolucionário? Como fazer do lar do explorado, do oprimido, uma célula de combate revolucionário, um centro difusor da nossa linha, um estímulo para o engajamento da família, quando a mulher permanece apática a este processo, indiferente à sociedade que está sendo criada e surda ao apelo do povo? (MACHEL, 1973, p.18)

Através das palavras de Samora Machel, percebemos que “a mulher” tem o seu papel de mãe e cuidadora do lar como um elemento ressaltado e reafirmado pela FRELIMO, mas sua função no processo revolucionário é destacada, o que nos mostra o avanço da organização ao designar às mulheres moçambicanas um importante papel no contexto do movimento.

A emancipação feminina proposta pela FRELIMO fortaleceu o novo papel que as mulheres moçambicanas estavam assumindo nessa nova sociedade: a militância política. Mas, ser uma mulher emancipada para a FRELIMO era ser uma mulher engajada politicamente. Quais seriam as características dessa mulher? Militante e /ou dona de casa? Haveria igualdade entre homens e mulheres moçambicanos em todas as tarefas das operações militares até cuidar dos filhos e lavar as louças em casa?

A emancipação das mulheres era vista pela FRELIMO como uma forma de designar a mulher papéis que não lhe cabiam na sociedade colonial, tirando-a do processo de exploração, ao qual elas eram submetidas. Quando falamos de igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, que foi uma das principais reivindicações do movimento feminista nos anos 70, vemos que a FRELIMO recuou em relação ao desenvolvimento do ideal de emancipação ao realizar uma crítica à ideia de igualitarismo absoluto.

*Não basta pensar que, por que a mulher realiza um trabalho igual ao do homem, mesmo se um trabalho duro e penoso, ela está automaticamente emancipada. Devemos evitar por isso a busca de um igualitarismo absoluto que negue a especificidade biológica da mulher. Mas devemos dentro desse particularismo criar as condições para que a mulher se realize plenamente na vida pública e social como cidadã, na vida econômica como produtor livre, na vida familiar como companheira verdadeira da vida do lar.*¹⁴

A partir desse discurso, podemos perceber que não se acreditava na igualdade total entre homens e mulheres. Desta forma, a igualdade desejada era representada como algo que não podia negar os aspectos biológicos da mulher, ou seja, a sua suposta condição natural. Podemos perceber isso quando em comemoração ao dia da mulher moçambicana, 7 de abril, foi redigida uma matéria no periódico *A Voz da Revolução* que falava sobre as qualidades da militante da FRELIMO e as suas múltiplas facetas: “Trabalhando em todas as frentes, na educação, na alfabetização, na saúde, na defesa da pátria e da Revolução, na família, a exemplo de Josina Machel, a mulher moçambicana assume novos valores, os valores da Sociedade nova que estamos a construir”.¹⁵

Sobre a igualdade entre homem e mulher, Samora afirma que a emancipação não deveria ser vista como uma igualdade mecânica entre homem e mulher. Para ele:

A emancipação seria, então, a mulher e o homem fazerem exatamente as mesmas coisas, dividirem mecanicamente as tarefas no lar. “ Se hoje lavei os pratos, amanhã você os lavará que você esteja ou não ocupado, quer tenha ou não tempo” Se na FRELIMO ainda não há mulheres tratoristas ou motoristas é necessário imediatamente que

¹⁴ COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. A mulher é um elemento transformador da sociedade. Coleção de Estudos e Orientações, 1980, p.15

¹⁵ 7 de abril: dia da mulher moçambicana. *In*: *Voz da Revolução*, nº 66, abril-maio de 1979, pg.26

haja, sem ter em conta as condições objetivas e subjetivas. A emancipação concebida mecanicamente leva, como vemos por exemplo nos países capitalistas, a reclamações e atitudes que deturpam inteiramente o sentido da emancipação da mulher. A mulher emancipada é a que bebe, é a que fuma, é a que usa calças e mini-saias, a que se dedica a promiscuidade sexual, a que se recusa a ter filhos. (MACHEL, 1973, p.27)

Através do discurso de Samora, percebemos os limites da emancipação feminina que a FRELIMO propunha às mulheres moçambicanas, visto que seu ideal de emancipação não se alinhava com as propostas das principais correntes do movimento feminista internacional, as quais eram veladamente criticadas pelo Presidente da FRELIMO. A emancipação acabou esbarrando, por exemplo, na divisão sexual do trabalho doméstico, o qual permanecia sendo uma função exclusivamente feminina.

As mulheres moçambicanas “emancipadas” eram além de dona de casa, militantes da FRELIMO, cuja obrigação era atuar lado a lado com os camaradas nas trincheiras, nos campos de batalha, sem terem o mesmo tratamento dado a estes. O acúmulo de tarefas, segundo Casimiro (2004), fez com que muitas mulheres guerrilheiras tivessem deixado o Destacamento Feminino e a Organização da Mulher Moçambicana.

Baseada nos princípios marxistas, a FRELIMO defendia que as mulheres só poderiam ser emancipadas se elas tivessem participação na produção social. O trabalho desempenhado pela mulher na esfera doméstica não era enquadrado como produtivo. De acordo com Casimiro (2004), não houve um debate sobre a divisão sexual do trabalho no seio da família e na sociedade, o que pode ser considerado um elemento problemático na aceitação *a priori* do conceito de emancipação das mulheres moçambicanas.

Referências:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. *In: Pinsky, Carla Bassanezi e Luca, Tânia Reginade (Orgs). O historiador e suas fontes.* São Paulo: Contexto, 2009.

BORGES, Edson. A política cultural em Moçambique após a Independência (1975-1992). *In: FRY, Peter (Orgs). Moçambique: ensaios.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CAMPOS, Josilene Silva. **As representações da guerra civil e a construção da nação moçambicana dos romances de Mia Couto (1992-2000).** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História Social. Universidade Federal de Goiás, 2009.

CORRÊA, Sonia e HOMEM, Eduardo. **Moçambique: primeiras machambas**. Rio de Janeiro: Editora Margem, 1977.

CASIMIRO, Isabel. **“Paz na terra, guerra em casa”: feminismo e organizações de mulheres em Moçambique**. Maputo; Promédia, 20004.

CASIMIRO, Isabel. Repensando as relações entre mulher e homem no tempo de Samora. *In: SOPA, A. Samora : homem do povo*. Maputo; Maguezo, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

COLAÇO, João Carlos. Trabalho como política em Moçambique: do período colonial ao regime socialista. *In: FRY, Peter (Orgs). Moçambique: ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões**. São Paulo: Editora Vozes, 2012.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Graal, 2012.

FOUREZ, Gérard. **A Construção das Ciências: Introdução à Filosofia e à Ética das Ciências**. Tradução: ROUANET, Luiz Roberto. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

ISAACMAM, Bárbara; STEFHAN, June. A mulher moçambicana no processo de libertação. Maputo: Instituto nacional do livro e do disco, 1984. Apud. SANTANA, Jacimara Souza. **Mulher e Notícias: os discursos sobre as mulheres de Moçambique na Revista Tempo (1975-1985)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal da Bahia, 2006.

MARTINS, A.P. **Possibilidades de diálogo: classe e gênero**. História Social, Campinas, SP, N^o 4/5., p.135-156, 1997/1998.

MACAGNO, Lorenzo. **Fragments de uma imaginação nacional**. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 70, junho/2009, pág.18-36.

MORAES, Maria Lygia Quartim. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. *Revista Crítica Marxista*, Campinas –SP, v. 11, p.89-97, 2000.

NIPASSA, Orlando. **Ajuda Externa e Desenvolvimento em Moçambique: Uma Perspectiva Crítica**. *In: II CONFERENCIA DO IESE, “DINÂMICAS DA POBREZA E PADRÕES DE ACUMULAÇÃO EM MOÇAMBIQUE”*, Maputo, 22 a 23 de Abril de 2009

PINSKY, Carla. **Estudos de Gênero e História Social**. *In: Estudos Feministas*, Florianópolis, n 17, janeiro-abril de 2009, pgs. 159-189.

SANTANA, Jacimara Souza. **Mulher e Notícias: os discursos sobre as mulheres de Moçambique na Revista Tempo (1975-1985)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História Social. Universidade Federal da Bahia, 2006.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos?** Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16,n^o 2, p.5-22, dez, 1990.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronald.(Orgs) Domínios da História: ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

TILLY, Louise. **Gênero, História das Mulheres e História Social**. In: Cadernos Pagu, v. 3, 1994, p.29-62.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **“Escravos sem dono”: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista**. In: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2008, v.51, n.1, p. 177-214.

VARIKAS, Eleni. **Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly- Scott**. In: Cadernos Pagu, vol. 3, 1994, pgs.63-84.

WOODS, ALAN. **Marxismo versus feminismo – A luta de classes e a emancipação da mulher**. Ver: <http://www.marxist.com/marxismo-feminismo-emancipacao-mulher.htm>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2014.

Fontes:

COMITÊ CENTRAL DA FRELIMO. **A mulher é um elemento transformador da sociedade**. Coleção de Estudos e Orientações, 1980.

DEPARTAMENTO DE TRABALHO IDEOLOGICO DA FRELIMO. **História da FRELIMO**. Coleção Conhecer, s/d

FRELIMO. **I Congresso da FRELIMO**, setembro de 1963.

JORNAL A VOZ DA REVOLUÇÃO (Edições 1972-1979)

MACHEL, Samora. **Estabelecer o poder popular para servir as massas**. Rio: Codecri, 1979.

MACHEL, Samora. **Declaremos guerra ao inimigo inteiro**. São Paulo: Quilombo, 1980.

MACHEL, Samora. et al. **A libertação da mulher**. São Paulo: Parma, 1979. (Coleção bases, nº 15)